

A POESIA CONCRETA VIRTUALIZADA: UMA REFLEXÃO SOBRE O ENSINO DE LITERATURA

FONTES, Elidiane Matias
elidianematias@hotmail.com

MENEZES, Rose Carla de Almeida
carlamenezes-10@hotmail.com

OLIVEIRA, Sueli Carvalho de
Suelicarvalho_jornalista@hotmail.com

SOARES, Bárbara Melícia de Lima
babi_kikal@hotmail.com

MACHADO, Danilo Maciel (Orientador)

Graduado em Letras Português/Espanhol e Mestre em História da Literatura pela FURG,

Professor do Curso de Letras /Português da Universidade Tiradentes - UNIT.

danilo_let@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo científico representa uma breve reflexão sobre o uso do blog como ferramenta pedagógica de ensino. O objeto de estudo analisado foi a poesia concreta virtualizada, com a finalidade de inovar a tradicional aula de literatura trazendo-a para o contexto do ciberespaço. Pretende-se neste artigo mostrar ao professor a importância da utilização dessa nova ferramenta de ensino, a fim de propiciar uma maior interatividade do aluno acerca dos assuntos abordados em sala de aula. Deste modo, inúmeras serão as vantagens trazidas à relação ensino-aprendizagem, por meio de hiperlinks, garantindo ao aluno o acesso a um conhecimento mais amplo.

PALAVRAS-CHAVES: Professor, literatura, virtualização, ciberespaço, blog

ABSTRACT:

This scientific article represents a brief reflection on the use of the blog as a pedagogic teaching tool. The purpose was to analyse the virtual concrete poetry, aiming to contextualize the traditional literature class with cyberspace. It is intended to show to teachers the importance of the use of that new teaching tool, in order to propitiate a larger interactivity of students concerning the subjects approached in classroom. This way, the advantages brought to the teaching-learning process, through hyperlinks, guaranteeing the access to a wider knowledge.

KEY WORDS: Teacher, literature, virtual classes, cyberspace, blog

Os desafios da educação e dos professores com o advento das novas tecnologias se multiplicaram. O ensino que antes possuía uma forma tradicional de se desenvolver teve que se adequar as transformações que a sociedade da informação exige. Não dá mais para conceber um professor em sala de aula que não detenha os conhecimentos da informática e dos novos métodos de ensino. O professor tem que ser capacitado para dar conta dos desafios que lhe são impostos no dia-a-dia. E é com o propósito de revelar os caminhos que o profissional da educação pode trilhar para desenvolver a sua atividade fazendo o uso dos novos meios tecnológicos nas aulas de literatura, que o presente trabalho está sendo realizado.

Trata-se de uma pesquisa que visa mostrar ao professor as vantagens das novas tecnologias para melhoria do ensino-aprendizagem. Neste trabalho pretende-se apresentar ao professor como é possível ampliar a visão de mundo dos alunos pela utilização do blog como ferramenta pedagógica, expondo sua estrutura e importância no contexto da educação contemporânea.

A proposta do blog no ensino pedagógico é ir além dos estudos desenvolvidos em sala de aula, em que os alunos ficam restritos somente àqueles minutos de aprendizado. O blog pretende abrir as atividades da escola para pessoas de outros colégios, cidades e até países, o que trará também experiências de fora da escola.

O trabalho mostra ainda que não há limite para a utilização dos blogs na escola, sendo possível seu uso como ferramenta pedagógica em todas as disciplinas e de forma interdisciplinar trabalhando o aluno de acordo com as suas necessidades curriculares.

Nesta perspectiva, o estudo da poesia concreta pode ser realizado por meio de postagens inseridas no blog e ser visualizado por meio de links que permitem a interatividade com outros autores e obras deste contexto.

Para a pesquisa foram utilizadas obras e publicações periódicas, além de arquivos da internet que vão orientar o professor sobre a importância da utilização das novas tecnologias para acompanhar os avanços exigidos pela sociedade.

A Inglaterra e os Estados Unidos, em 1945, foram os países onde surgiram os primeiros computadores. Inicialmente, essas máquinas eram usadas pelos militares para cálculo científico e somente nos anos 60 o uso civil desses equipamentos se disseminou. Foi nos anos 70 que houve o desenvolvimento e a comunicação do microprocessador (unidade de cálculo aritmético e lógico localizada em um pequeno chip eletrônico). Os microprocessadores contribuíram para uma nova fase na automação da produção industrial e de alguns setores do terciário como banco e seguradoras.

Foi nessa década que houve também a invenção do computador pessoal tornando-se um instrumento de criação, de textos, imagens, música; de organização, os bancos de dados e planilhas; de simulação, com a utilização de planilhas, ferramentas de apoio à decisão e programas para pesquisa; e diversão, com o acesso a jogos. Os computadores passaram às mãos de uma proporção crescente da população dos países desenvolvidos nos anos 80. A informática fundiu-se com as telecomunicações, editoração, o cinema e a televisão. A produção e gravação de músicas foram os setores em que a digitalização penetrou primeiro, mas já havia uma tendência de se expandir para todo o domínio da comunicação. Novas formas de mensagens interativas apareceram como os hiperdocumentos, com o uso de hipertexto e CD-ROM.

Final dos anos 80 e início dos anos 90, as diferentes redes de computadores que se formaram desde os anos 70 se juntaram umas as outras, e os computadores conectados a inter-rede cresceram de forma exponencial. Foi neste contexto que as tecnologias digitais surgiram como infraestrutura do ciberespaço. O termo originado do inglês, *cyberspace*, cunhado pelo escritor William Gibson em sua obra clássica de ficção científica *Neuromante* (1984), designa originalmente, o espaço criado pelas comunicações mediadas por computadores veiculados à Internet. Então, o ciberespaço pode ser compreendido como o espaço reservado à transmissão de conhecimento e comunicação conectado a Internet.

Segundo André Lemos, em *Cibercultura tecnologia e vida social na cultura contemporânea*, a palavra virtual surge no princípio do século XVIII, no campo da ótica, para descrever a imagem refratada e refletida de um objeto. No século XIX, para descrever as partículas subatômicas, os físicos criaram o conceito de velocidade virtual (momento virtual) de partículas. Na

informática o conceito de virtual aparece nos anos 70, com o lançamento pela IBM¹ da memória virtual.

De acordo com Lemos, o conceito virtual, no sentido telemático ou informático tem trazido à baila questões relativas à desrealização da experiência e o medo correlato da perda de contato com o real.

Para Lévy, o virtual pode ser entendido como um processo de questionamento, de descolamento do *aqui e agora*. E sobre isso afirma Lemos que: “Podemos dizer, assim, que toda forma de leitura (interpretação) é um processo de virtualização, e na direção oposta, toda forma escrita é um processo de atualização”.

O final do século XX ficou marcado pela aceleração do processo de globalização que vem derrubando fronteiras nos vários campos do universo de conhecimento cultural, social e histórico. A chamada globalização tem sido elemento de amplos estudos e discussões enfatizando múltiplos fatores e manifestando várias tendências, como a divulgação rápida de informações. Uma das marcas da globalização é a velocidade com que evolui a tecnologia. O desenvolvimento e a utilização da Internet produziram uma rede mundial de usuários com uma linguagem própria repleta de termos típicos. Desse modo, eles trocam, armazenam e obtêm informações globalizadas.

Dentro desta perspectiva, tratando-se da aquisição rápida da informação, a Internet dispõe de um recurso democrático que são os chamados links, isto é, uma palavra, texto, expressão ou imagem que permite o acesso imediato à outra parte de um mesmo, ou outro documento ou site, bastando ser acionado pelo ponteiro do mouse. Num hipertexto, um link, na forma de palavra ou expressão, vem sublinhado ou grafado em cor distinta da utilizada para o resto do texto.

É a partir do desenvolvimento da internet que surge o ciberespaço, um novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e transação, mas também um novo mercado de informação e do conhecimento, como afirma Pierre Lévy. Para ele, o ciberespaço não compreende apenas materiais, informações e seres humanos é também constituído e povoado por seres estranhos, meio texto, meio máquina e meio cenários: os programas.

Dessa forma, o ciberespaço proporciona a convergência de mídias com o uso de textos, imagens, animações, vídeos e sons, e a hipermídia que tem a função interativa, possibilitando a leitura

¹ International Business Machines (IBM) é uma empresa estadunidense voltada para a área de informática. A empresa é uma das poucas da área de Tecnologia da Informação com uma história contínua que remonta ao século XIX. A IBM fabrica e vende Hardware e Software, oferece serviços de infraestrutura, serviços de hospedagem e serviços de consultoria nas áreas que vão desde computadores de grande porte até a nanotecnologia. Foi apelidada de "Big Blue" por ter azul como sua cor corporativa oficial. Com mais de 398.455 colaboradores em todo o mundo, a IBM é a maior e mais rentável empresa da área de TI no mundo. A IBM detém mais patentes do que qualquer outra empresa americana baseada em tecnologia e tem 15 laboratórios de pesquisa no mundo inteiro. A empresa tem cientistas, engenheiros, consultores e profissionais de vendas em mais de 150 países. Funcionários da IBM já ganharam cinco prêmios Nobel, quatro Prêmios de Turing (conhecido como o Nobel da computação), dentre vários outros prêmios.

não-linear de textos. As imagens e sons são trabalhados em um mesmo suporte, permitindo a distribuição desse material coletivamente, contribuindo para a arte. Com a consolidação do ciberespaço foi possível se desenvolver a cibercultura. De acordo com Pierre Lévy, a cibercultura é:

Um gênero canônico do mundo virtual, voltado para o conceito mais geral de uma reserva digital de virtualidades sensoriais e informacionais que só se atualizam na interação com os seres humanos, o que favorece para um meio coletivo e enriquecedor, sendo reconhecido como um lugar de encontro e um meio de comunicação entre seus participantes que fazem parte desse mundo virtual fornece ao artista as virtualidades, cria espaços próprios para a comunicação, organizando coletivamente os equipamentos da cognição e da memória, na construção da interação sensório-motora direcionado ao universo dos dados (LÉVY, 1999, p. 145).

Dentro desse gênero virtual, a cibercultura, pode-se encontrar exemplos como a World Wide Web, que é um mundo virtual que proporcionou a inteligência coletiva. Seus inventores Tim Berners Lee e todos aqueles que propiciaram a interação dos usuários navegando na web, são considerados engenheiros de mundos. Pode-se também incluir, nesse contexto, os inventores de programas para o trabalho de aprendizagem cooperativa, os criadores de videogames e os artistas.

Lévy afirmou que a humanidade passou por três fases da evolução em direção a virtualização: a oralidade, a escrita e a virtualização. A oralidade era de circulação restrita no espaço e no tempo. A escrita avança pelo fato de fazer parte da memória coletiva e pela sua maior abrangência no tempo e no espaço, servindo de base para a construção de novos conhecimentos. Já o processo de virtualização suprime a barreira do tempo e do espaço, através do hipertexto, que possibilita a interação de ligações ilimitadas entre termos, textos e ideias, levando o discurso do autor a se relacionar com os outros.

O mundo virtual é classificado de duas formas, os que são limitados e editados, como o CD-ROM ou instalações fechadas, obras off-line, de artistas; e os que são o oposto, que estão ligados a uma rede, infinitamente abertos a interação, à transformação e a conexão aos mundos virtuais, obras on-line. A diferença entre as obras off-line e on-line, é que a off-line oferece uma projeção parcial e temporária da inteligência e da imaginação coletiva, só que não participa da taxa de transmissão, ficando fora do fluxo contínuo da comunicação, enquanto as obras on-line são meios de comunicação interativos, que funcionam como meios de trocas de mensagens armazenadas ao ambiente dinâmico acessível a todos, e a memória comunitária coletiva, alimentada em tempo ágil. Sobre isso, Pierre Lévi afirma que:

‘São abertas’, não apenas porque admitem uma multiplicidade de interpretações, mas, sobretudo, porque são fisicamente acolhedoras para a imersão ativa de um explorador e materialmente interpenetradas nas outras obras da rede. O grau dessa abertura é evidentemente variável de acordo com os casos; ora, quanto mais típica da cibercultura... e menos será uma *obra no sentido clássico do termo* (LÉVY, p.147).

Então, as obras da cibercultura são de certa forma, universais e têm uma nova maneira de agir com o texto. Por meio da cooperação, na transmissão de informações como a visualização do compartilhamento de arquivos, atingindo a um número amplo de pessoas de modo ágil.

Lúcio Agra e Renato Cohen, no artigo *Criação em Hipertexto: Vanguardas e Territórios Mitológicos*, afirmam que os mundos virtuais são potencializados na máquina, dando visibilidade a topos antes apenas imaginados. Segundo eles, as fronteiras entre ficção e realidade são esmaecidas, pois vivemos um tempo da hiper-realidade, da busca surrealista e das sociedades primordiais, onde o sonho, a visão e o estado consciente têm o mesmo estatuto. Sobre o *mythos*, eles explicam:

O território do *mythos*, povoado por arques, por labirintos, por experiências não ordinárias configura um universo de vivências e narrativas que são acessadas por certas vias iniciáticas: o ordinarismo contemporâneo, com um contínuo afastamento das experiências corpóreas e emotivas primordiais coloca esse campo de fenômenos num território quase virtual. A experiência do artista, que se coloca como um xamã, viajante entre mundos e realidades paralelas, resgata de certa forma, essa mediação original (AGRA, COHEN, 2002, p.169)

Para eles, a teoria do suprematismo da pintura de Malevitch, já experimentava a pintura não-objetiva, uma representação de um espaço não-homólogo ao real (virtual). Artistas alemães, como Oskar Schlemmer, também produziram trabalhos na área da computação gráfica, a exemplo do Balé-triádico.

Para André Lemos, na obra *Cibercultura tecnologia e vida social na cultura contemporânea*, o paradigma digital e a circulação de informação em rede parecem constituir a espinha dorsal da contemporaneidade. Como mostra o autor:

É neste contexto que devemos pensar a questão da arte eletrônica ou digital, pois ela vai aceitar e explorar a desmaterialização por qual passa e se fundamenta a civilização do virtual. A arte eletrônica contemporânea toca o cerne desta civilização: a desmaterialização do mundo pelas tecnologias do virtual, a interatividade e as possibilidades hipertextuais, a circulação (virótica) de informações por redes planetárias (LEMOS, 2002, p.192)

Segundo Lemos, compreender a arte desse final de século é compreender o imaginário da cibercultura. Segundo ele, a arte moderna investe na racionalização do mundo e busca se distanciar do ecletismo do século XIX, rompendo definitivamente com a tradição clássica.

O início do século XX é marcado pela Primeira Guerra Mundial e pela Revolução Russa. Neste período, houve um significativo salto no desenvolvimento tecnológico-científico, criando assim, as condições propícias para as profundas mudanças que mais adiante se dariam em diversos campos, desde o econômico até o artístico-cultural.

De acordo com Gilberto Mendonça Teles, as experiências literárias de Poe, Whitman, Baudelaire, Lautréamont, Rimbaud e Mallarmé assinalam na poesia ocidental os pontos de ruptura estética e temática que, somados ou desenvolvidos, motivaram o aparecimento de vários grupos de vanguarda na poesia europeia do início deste século. Sobre a influência das vanguardas, Teles afirma ainda que:

As idéias filosóficas e sociológicas, bem como o desenvolvimento científico e técnico da época, contribuíram para a inquietação espiritual e intelectual dos escritores, divididos entre forças negativas do passado e as tendências ordenadoras do futuro, que afinal predominaram, motivando uma pluralidade de investigações em todos os campos da arte e transformando os primeiros anos deste século no laboratório das mais avançadas concepções da arte e da literatura (TELES, 2005, p.27)

O conceito de vanguarda veio segundo Teles, para caracterizar o período literário que se estende dos últimos anos do século XIX ao aparecimento do surrealismo, em 1924. Ele disse ainda que: “Como o surrealismo reapareceu em 1946, há historiadores que consideram a Segunda Guerra Mundial, o final do período vanguardista” (TELES, 2005, p.28).

O Futurismo (1909), o Expressionismo (1910), e o Cubismo (1913) são movimentos de vanguarda surgidos antes da guerra e que contribuíram para o aparecimento mais tarde do Dadaísmo (1916) e do Espiritonovismo (1918). E é a partir desses dois últimos movimentos que surge em 1924, o Surrealismo.

Para Teles, todos esses movimentos estavam sob o signo da desorganização do universo artístico de sua época, como ele afirma:

A diferença é que uns, como o futurismo e o dadaísmo, queriam a destruição do passado e a negação total dos valores estéticos presentes; e outros, como o expressionismo e o cubismo, viam na destruição a possibilidade de construção de uma nova estrutura estética e social. É possível ordenar esses movimentos em duas frentes opostas e, ao mesmo tempo, unidas por um princípio comum – o da revolução literária (TELES, 2005, p.29)

Essas vanguardas européias influenciaram a literatura de diversos países do mundo e no Brasil a sua repercussão se deu no Modernismo, mais precisamente durante a Semana de Arte Moderna, em 1922. Influenciados pelo futurismo e os manifestos de Marinetti e pelo Espírito Novo (L’Esprit Nouveau) por meio das idéias de Apollinaire, além do Expressionismo e do Dadaísmo, os artistas brasileiros buscavam uma literatura nacional, com o uso de verso livre e com uma estética diferenciada.

É exatamente dentro dessa proposta de mudança surgida a partir da Semana de Arte Moderna que aparece o experimentalismo brasileiro. A Exposição Nacional de Arte Concreta, realizada no Museu de Arte Moderna de São Paulo, em fevereiro de 1956 teve grande significado, sendo um marco para esta estética. Sobre o movimento Teles afirma que:

Pode-se falar de dois movimentos de uma sinfonia experimental no Brasil: um que vai de 1956 a 1964; outro que vem de 1967 aos nossos dias. Em ambos se percebem a ascensão da maré experimentalista (a Poesia Concreta e o Poema-Processo) e seu refluxo ao oceano natural da vanguarda modernista (Neoconcretismo, Violão de Rua, Práxis, etc) (TELES, 2005, p.399)

No Plano-Piloto para poesia concreta, assinado pelos escritores de São Paulo Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari estão expressas as principais ideias para o concretismo brasileiro. O próprio plano traça como precursores deste movimento Mallarmé, com a obra *Um coup de dés*², de 1897, ressaltando como o primeiro salto qualitativo ao trabalhar os espaços e os recursos tipográficos como elementos substantivos da composição; Pound, com o método ideogrâmico; Joyce, com destaque para a palavra-ideograma e a interpenetração orgânica de tempo e espaço; Cummings, com a atomização das palavras e a tipografia fisiognômica, onde há a valorização expressionista do espaço; Apollinaire, como visão, mais do que como realização, além do Futurismo e Dadaísmo citados como movimentos que trouxeram contribuições para vida do problema.

² Um ano depois de sua morte, Stéphane Mallarmé publicou na revista Cosmopolis o poema (Um coup de dés jamais n’abolira o acaso) Le hasard (Um lance jamais abolirá o acaso), tido por ele como fragmento da grande obra – o livro – que ele sempre pensou realizar. Quando compôs Um coup de dés, Mallarmé havia atingido o mais alto grau de sua evolução criadora, pairando o seu espírito acima das convenções criadora, pairando o seu espírito acima das convenções da época e das próprias limitações da linguagem.

No movimento concreto, a poesia passa a ter uma linguagem visual fragmentada, uma vez que o poeta tem liberdade para utilizar uma técnica própria de outras artes, a exemplo das colagens, dos desenhos, dos grafismos e fotografias. A palavra se liberta das formas tradicionais e lineares e se aproxima da rapidez da comunicação visual. Para o escritor pode ser definida como:

Poesia concreta: tensão de palavras-coisas no espaço-tempo, estrutura dinâmica: multiplicidade de movimentos concomitantes. também na música - por definição, uma arte do tempo - intervém o espaço (webern e seus seguidores: boulez e stockhausen; música concreta e eletrônica); nas artes visuais - espaciais, por definição - intervém o tempo (mondrian e a série boogiewogie, max bill; albers e a ambivalência perceptiva ; arte concreta, em geral) (TELES, 2005, p.404)



Essa estética propõe ao leitor uma maior participação e uma interpretação própria da obra, que dá margens a inúmeras leituras. Dessa forma, o poema constitui um desafio e o leitor transforma-se em co-autor. O artista trabalha os mais variados recursos, desde o acústico, o visual, o espaço tipográfico e a geometria dos vocábulos nas páginas até o aspecto semântico. A comunicação é, portanto, feita de uma maneira muito mais rápida.

Pós-tudo, Augusto de Campos



O concreto lança mão do ideograma.

no

â	mag	do	ô	mega
		um		olho
	um	ouro		
		um		osso

sob

essa	pe	(vide	de	vácuo)	nsil
pétala	p a r p	a d e a n d o			cilios
					pálpebra
amêndoa	do	vazio	pecíolo:	a	coisa
		da			coisa
		da			coisa
			um		duro
			tão		oco
			um		osso

tão centro

"beba coca cola" (1957), Décio Pignatari

beba coca cola

babe cola

beba coca

babe cola caco

caco

cola

c l o a c a

De acordo com Alfredo Bosi, no contexto da poesia, o Concretismo afirmou-se como antítese à vertente intimista estetizante dos anos 40 e repropôs temas, formas e, não raro, atitudes peculiares ao Modernismo de 22 em sua fase mais polêmica e mais aderente às vanguardas européias. Para Bosi:

Os poetas concretos entendem levar às últimas conseqüências certos processos estruturais que marcaram o futurismo (italiano e russo), o dadaísmo e, em parte, o surrealismo, ao menos no que este significa de exaltação do imaginário e do inventivo no fazer poético. São processos que visam atingir e a explorar as camadas materiais do significante (o som, a letra impressa, a linha, a superfície da página; eventualmente, a cor, a massa) e, por isso, levam a rejeitar toda concepção que esgote nos temas ou na realidade psíquica do emissor o interesse e a valia da obra (BOSI, 1994, p. 476)

Segundo o autor, na medida em que o material significante assume o primeiro plano, verbal e visual, o poeta concreto inova em diferentes campos: semântico, sintático, léxico, morfológico, fonético e topográfico.

No concretismo, os processos virtuais, que se baseiam na substituição ou simulação do real encontra campo para se desenvolver. Sabe-se que a poesia, tradicionalmente, não depende de meios eletrônicos para realizar a sua forma de virtualidade. Para Luciano Rodrigues Lima, no texto *Teoria e Prática do Hipertexto Literário*, a poesia utiliza das possibilidades lingüísticas e literárias, por meio da criação de imagens, sons, ritmos, sensações do pensamento, pela via da linguagem verbal. No plano mental, portanto, a

poesia consegue antecipar o teatro e o cinema, virtualizando todas as demais formas de arte. Ele afirma ainda que:

A imagem em movimento e o som reproduzidos eletronicamente são equivalentes exteriores do que ocorre no interior da mente humana. A imaginação livre, termo precário enquanto definição para o que ocorre com a poesia no estágio pré-verbal, isto é, as imagens e impressões geradas no pensamento, também são dimensões virtuais de realidade e alimentam a criação poética. (...) O poético, portanto, advém do virtual e produz mais realidade virtual, que o retroalimenta, em movimento cíclico. (LIMA).

Para Zygmunt Bauman, na obra *O Mal-estar da Pós-Modernidade*, avant-garde significa, literalmente, vanguarda. Segundo ele, tem o significado de “(...) posto avançado, ponta-de-lança da primeira fileira de um exército em movimento: um destacamento que se move na frente do corpo mais importante das forças armadas – mas permanece adiante apenas com o fim de preparar o terreno para o resto do exército” (BAUMAN, 1998, p.121).

Para o sociólogo e escritor, o conceito de vanguarda transmite a ideia de um espaço e tempo essencialmente ordenado, e de um essencial interajustamento das duas ordens. “Num mundo em que se pode falar de avant-garde, *para a frente e para a trás* têm, simultaneamente, dimensões espaciais e temporais”, revela Bauman.

E com base nesta constatação ele afirma ainda que não faça muito sentido falar em vanguarda no mundo pós-moderno. Segundo o autor, o mundo pós-moderno está sempre em movimento. Um movimento que como ele mesmo diz: “Parecem aleatórios, dispersos e destituídos de direção bem delineada (primeiramente, e antes de tudo, uma direção cumulativa). É difícil, talvez impossível julgar sua natureza *avançada* ou *retrógada*” (BAUMAN, 1998, p.121).

Bauman é taxativo ao afirmar que no cenário pós-moderno do presente, falar de uma vanguarda não faz sentido. Segundo ele, a expressão *vanguarda pós-moderna* é uma contradição de termos. Sobre isso ele afirma:

A multiplicidade de estilos e gêneros já não é uma projeção da seta do tempo sobre o espaço da coabitação. Os estilos não se dividem em progressista e retrógado, de aspecto avançado e antiquado. As novas invenções artísticas não se destinam a afugentar as existentes e tomar-lhes o lugar, mas a se juntar às outras, procurando algum espaço para se mover por elas próprias no palco artístico notoriamente superlotado (BAUMAN, 1998, p.127)

Ele descreve ainda o cenário atual como aquele em que a sincronia toma o lugar da diacronia e em que a co-presença toma o lugar da sucessão e o presente perpétuo toma o lugar da história. Bauman revela também que as artes pós-modernas alcançaram um grau de

independência da realidade não-artística com que os seus antecessores modernistas só podiam sonhar. A respeito da desconstrução do significado da arte pós-moderna, Bauman afirmou:

Em vez de reafirmar a realidade como um cemitério de possibilidades não provadas, a arte pós-moderna traz para o espaço aberto o perene inacabamento dos significados e, assim, a essencial inexauribilidade do reino do possível. Pode-se mesmo dar um passo mais adiante e sugerir que o significado da arte pós-moderna é a desconstrução do significado. (BAUMAN, 1998, p. 136)

Lemos também conceituou a arte na pós modernidade ao afirmar que: “A arte vai servir como parâmetro para exprimir o imaginário da pós-modernidade, não se estruturando mais na paródia (o escárnio do passado), mas no pastiche (a apropriação do passado). A única possibilidade, já que tudo foi feito e dito, é combinar, mesclar, reapropriar” (LEMOS, 2002, p.191).

Etimologicamente derivado da palavra italiana *pasticcio* (massa ou amálgama de elementos compostos), pastiche era aplicado pejorativamente, no campo da pintura, a quadros forjados com tal perícia imitativa que procuravam ser confundidos com os originais. Durante a Renascença, devido à crescente procura de obras de arte em Florença e Roma, muitos pintores medíocres foram levados a imitar quadros de grandes mestres italianos, com intenções fraudulentas.

O conceito viajou para França e *pasticcio* converteu-se no galicismo pastiche, no século XVIII. O pastiche literário, em termos genéricos, refere-se a obras artísticas criadas pela reunião e colagem de trabalhos pré-existentes. Imitação afetada do estilo de um ou mais autores, o pastiche, forma claramente derivativa, põe a tônica na manipulação de linguagens, contrapondo diversos registros e níveis de língua com finalidade paródica ou simplesmente estética e lúdica. Deliberadamente cultivado por inúmeros autores, o pastiche afirma-se como a escrita “à maneira de”. Faz uso de processos como à adaptação (modificação de material artístico de gênero para gênero e de uma forma para outra distinta), a apropriação (o empréstimo deliberado), o bricolage (a criação a partir de fontes e modelos heterogêneos) e a montagem. Quanto à sua relação com o texto-fonte, o pastiche reveste-se de um caráter ambivalente, ao aproximar-se da paródia e da sátira, realizando-se num misto de homenagem, sublimando textos antecedentes por forma a mostrar a força e o prestígio da tradição canônica, e de provocação, subvertendo textos antecessores, uma forma de desqualificar o sistema e código vigentes.

Segundo a teorização de Gérard Genette, em *Palimpsestes*, o pastiche é apontado como um recurso transtextual, classificando-se como uma forma de hipertexto uma vez que se trata de um texto que obedece a uma lógica derivacional em face de outro que lhe é anterior (o hipotexto), estabelecendo com o texto matriz relações de imitação. Ao passo que a paródia estabelece uma base de relação de transformação com o texto-fonte, o pastiche adapta uma relação de imitação. Genette distingue igualmente esta forma do plágio dado que este último se trata da apropriação indevida de um texto que é apresentado com autoria da pessoa que dele se serve, resumindo-se a um diálogo ilícito com o texto-fonte.

O progresso da tecnologia da informação, composto por sistemas de computação e sistemas de telecomunicações e radiodifusão, foi à peça fundamental para uma viabilização de mudança de paradigma, com o propósito de processar e disponibilizar dados, imagens e sons em escala mundial. A tecnologia da informação é para esta nova revolução o que as novas fontes de energia foram para as revoluções industriais.

O grande responsável por esta nova revolução é o desenvolvimento do conhecimento humano. São esses conhecimentos que brotam ao vivenciarmos os diversos ciclos de experiências entre as descobertas científicas e as experiências na nossa vida prática, que estão crescendo cada vez mais rapidamente e gerando mudanças constantes.

Como não é mais possível ignorar a necessidade da democratização das informações, estão sendo realizados esforços para disponibilizá-las de forma rápida e fácil para todas as pessoas em todos os cantos do mundo.

Segundo Elvizio Trigo Vanzo, na obra *Você@Digital: Esteja pronto para a revolução da informação*, pode-se dizer que nesta era a informação e o conhecimento tornaram-se mais valiosos até do que os recursos naturais. O mundo das informações é maior atualmente que qualquer segmento econômico de antigamente.

Se nesta nova era a riqueza é o produto do conhecimento, e deve-se entender conhecimento como o aprendizado adquirido por herança, estudos e experiências vividas, então a riqueza deste novo tempo é o seu conteúdo pessoal, composto por informações, habilidades e capacidades peculiares a nós (VANZO, 2000, p.21).

Para o autor de *Você@Digital: esteja pronto para a revolução da informação*, a era da informatização é uma nova revolução, e sendo revolução tudo muda. Mudam as regras de comportamento, os estudos, as escolas, as mídias, o idioma global e até mesmo a

privacidade, afirma Vanzo. Falando-se em revolução da informação temos que lembrar que até nós somos feitos de informação. Para o autor, um grande benefício criado por estas mudanças é o fato de informação e conhecimento não serem produtos intrinsecamente escassos e crescem quando são compartilhados. O mesmo acontece quando uma ideia ou uma habilidade é compartilhada, em vez de se perder, ela se desenvolve.

O acesso à rede coloca o acervo do conhecimento da humanidade à disposição de todos de forma ampla e irrestrita, permitindo que a comunicação, os negócios, os entretenimentos, os estudos aconteçam a cada um de nós, conclui Vanzo ao afirmar que “Portanto, é tempo de acessar as informações, discutir as mudanças que estão ocorrendo e participar dos novos processos que nos garantirão a nossa realização, em vez de ficar confusos e perdidos, correndo o risco de perder o bonde e, aí sim, ser excluídos novamente” (2000, p. 29).

Pierre Lévy, na obra *Inteligência Coletiva*, afirma que para mobilizar competências é necessário identificá-las, e para apontá-las é preciso reconhecê-las em toda a sua diversidade. Segundo ele, a inteligência coletiva só tem início com a cultura e cresce com ela. Ele acrescenta ainda:

Mas a inteligência culturalmente constituída não é mais fixa ou programada como a do cupinzeiro ou a da colméia. Por meio de transmissão, invenção e esquecimento, o patrimônio comum passa pela responsabilidade de cada um. (...) No lugar das *mãos invisíveis* dos cupinzeiros surgem as mãos visíveis e as dinâmicas imaginárias de universos virtuais em expansão (LÉVY, 1998, p. 31).

De acordo com Lévy, cada vez que um ser humano organiza ou reorganiza sua relação consigo mesmo, com seus semelhantes, com as coisas, com os signos, com o cosmos, ele se envolve em uma atividade de conhecimento, de aprendizado. Para o autor “Os intelectuais coletivos inventam línguas mutantes, constroem universos virtuais, *ciberespaços* em que se buscam formas inéditas de comunicação” (1998, p. 121)

Com o surgimento da virtualização e a formação de ciberespaços, o que se propõe neste trabalho é a utilização do *blog* como ferramenta de ensino. Pode-se lançar mão deste recurso para aulas práticas e até mesmo para uma continuidade das aulas presenciais, servindo também de plantões de dúvidas.

Segundo a Wikipédia³, blog é um site cuja estrutura permite a atualização rápida a partir de acréscimos dos chamados artigos, ou *posts*. Estes são, em geral, organizados de forma cronológica inversa, tendo como foco a temática proposta do blog, podendo ser escritos por um número variável de pessoas, de acordo com a política do blog.

Muitos blogs fornecem comentários ou notícias sobre um assunto em particular; outros funcionam mais como diários online. Um blog típico combina texto, imagens e links para outros blogs, páginas da web e mídias relacionadas a seu tema. A capacidade de leitores deixarem comentários de forma a interagir com o autor e outros leitores é uma parte importante de muitos blogs.

Com a utilização do blog professores e alunos poderão tornar o ensino-aprendizagem mais interativo, fazendo com que, de forma didática e atual os alunos aprendam e/ou apreendam os conteúdos de um jeito prazeroso. Não se quer que professores substituam suas metodologias de ensino pelas novas tecnologias, mas que as acrescentem em seus planos de aula com o objetivo de estimular e motivar o aluno em seus estudos.

Sendo um blog trabalhado pelo professor não só para suas aulas expositivas, mas também para que o aluno tenha acesso a acompanhá-lo fora da aula e postar dúvidas, acessar desafios práticos, achar reflexões sobre aulas anteriores etc. serão enormes as vantagens que o blog trará desde aproximar o aluno ao professor até permitir aos pais monitorar as atividades escolares dos filhos. E também ter acesso ao que o professor está ensinando.

A proposta do blog no ensino pedagógico é ampliar a visão de mundo dos alunos, onde além de os estudos não ficarem restritos somente àqueles minutos de aula presenciais como também o blog abrirá as atividades da escola para pessoas de outros colégios, cidades e até países, o que trará também experiências de fora da escola.

Concluí-se, então, que não há limite para a utilização dos blogs na escola sendo possível seu uso como ferramenta pedagógica em todas as disciplinas e de forma interdisciplinar trabalhando o aluno de acordo com as suas necessidades disciplinares.

Observando-se esse panorama que não é novo, mas faz parte de uma realidade intrínseca no ambiente escolar, é importante ressaltar a inclusão do aluno ao ambiente virtual. O professor como mediador do processo ensino-aprendizagem, deve buscar novas ferramentas

³ Wikipédia é uma enciclopédia multilíngue online livre, colaborativa, ou seja, escrita internacionalmente por várias pessoas comuns de diversas regiões do mundo, todas elas voluntárias. Por ser livre, entende-se que qualquer artigo dessa obra pode ser transcrito, modificado e ampliado, desde que preservados os direitos de cópia e modificações, visto que o conteúdo da Wikipédia está sob a licença GNU/FDL (ou GFDL).

para tornar sua aula mais dinâmica, reconhecendo e acompanhado as transformações da sociedade contemporânea.

Com a exposição do blog o professor substituirá suas metodologias de ensino tradicionais pelas novas tecnologias, estimulando e motivando o aluno em seus estudos acerca do que é exposto em sala de aula.

O blog poderá ser acompanhado fora da estrutura escolar, no qual o aluno terá oportunidade de fazer suas próprias reflexões, interagir com outros textos e postar dúvidas para o professor, tornando-o mais produtivo.

Assim, a ampliação do ensino por meio do blog, comprova que não há limite para a utilização das novas tecnologias, acompanhando as transformações que cercam a aquisição do conhecimento.

REFERÊNCIAS

AGRA, Lúcio; COHEN, Renato. **Criação em Hipertexto: Vanguardas e Territórios Mitológicos**. In LEÃO, Lúcia (org.). Interlab: Labirintos do Pensamento Contemporâneo. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-estar da Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 44ª edição, São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

CAMPOS, Augusto de. **Despoesia**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1994

CAMPOS, Augusto de; PIGNATARI, Décio. CAMPOS, Haroldo de. **Teoria da Poesia Concreta: Textos críticos e manifestos 1950-1960**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestes, La littérature au second degré**. Paris: Éditions du Seuil, collection Essais, 1982.

LEMOIS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LIMA, Luciano R. (**Teoria e Prática do Hipertexto Literário**). Disponível em: LIMA, Luciano R. Literatura, crítica, teorias. www.uneb.br/lucianolima. Acessado em (17 de novembro 2010).

LÉVY, Pierre. **O que é Virtual?** 1ª edição, São Paulo: Editora 34, 1996.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 1ª edição, São Paulo: Editora 34, 1999.

TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro**: Apresentação dos Principais Poemas, Manifestos, Prefácios e Conferências Vanguardista, de 1857 a 1972. 18ª edição, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005.

VANZO, Elvizio Trigo. *Você @ digital: esteja pronto para a revolução da informação*. 1ª ed. São Paulo: Editora Gente, 2000.

FONTES ONLINE:

<http://www2.uol.com.br/augustodecampos/poesiaconc.htm>. Acessado em 11 de outubro de 2010.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/IBM>. Acessado em 29 de novembro 2010.

Fonte: www.poesiaconcreta.com/disco_view.php?id=69. Acessado em 15 de outubro de 2010.

Fonte: <http://www.fcsh.unl.pt/invest/edtl/verbetes/P/pastiche.htm>. Acessado em 29 de novembro de 2010.